

(RE) CONHECENDO PELOTAS TRANSFORMAÇÕES URBANAS E A NOSTALGIA DE JOVENS

KARLA NAZARETH-TISSOT¹; SIDNEY GONÇALVES VIEIRA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – karlanazareth@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – sid.geo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Duas cidades me foram apresentadas quando pisei em Pelotas pela primeira vez em 2009: a cidade que estava diante dos meus olhos, e a cidade que só era possível conhecer através das histórias contadas pelo meu marido. Ele, na época com 28 anos, pegou-me pela mão e seguiu comigo pelas ruas que costumava percorrer na infância e juventude, apontando-me prédios abandonados, espaços vazios que antes haviam sido cenários de algumas de suas mais vivas lembranças, cinemas que agora davam lugar a frios estacionamentos, fachadas decadentes, endereços que não mais levavam aos antigos fins... Ausências significativas no seu mapa afetivo da cidade.

Alguns anos se passaram desde então e, de turista, tornei-me moradora de Pelotas. Sem comparar-me a quem viveu grande parte da vida na cidade, mas durante esses anos de idas e vindas até me mudar definitivamente, surgiram em mim alguns estranhamentos: muito do que conheci em 2009 já não estava, muito do que me foi apresentado já era outro, eram lugares que eu não conseguia encontrar novamente e que, sinceramente, sem que alguém também se lembrasse deles e também os tivesse procurando, não saberia afirmar se eles realmente existiram ou se eu os havia imaginado (HALBWACHS, 2003). Lembrei-me então do olhar do meu marido vasculhando na topografia de sua memória os espaços e as histórias vividas durante a infância e início da adolescência em sua cidade natal. Algumas décadas depois, ele também estaria, como eu, (re) conhecendo Pelotas?

No terceiro álbum da banda canadense *Arcade Fire*, *The Suburbs*, os integrantes, nascidos entre 1977 e 1982, cantavam sobre os lugares de suas infâncias e sobre um recorrente sentimento inquietante relacionado a um espaço e a um tempo impossíveis de serem recuperados. Lembranças de uma infância em lugares transitórios que os faziam se sentir numa espécie de vazio (POULET, 1992). Na primeira música do álbum, como meu marido que me pegou pela mão e me mostrou a sua cidade natal, um dos trechos dizia, “*I wanna hold her hand and show her some beauty before this damage is done*” (ARCADE FIRE, 2010). As mudanças parecem ser rápidas, percorrer caminhos e alimentar memórias soa como algo urgente, “antes que todo o estrago seja feito”, ou seja, antes que os espaços da cidade, significativos da infância desses jovens, não deixem nem mesmo os vestígios capazes de recriar imagens e sensações (FERREIRA, 2002), como a Pelotas de um passado recente que só seria possível percorrer através do intermédio de algumas memórias.

O disco não é o meu objeto de estudo, mas as inquietações cantadas pelos músicos me remeteram às conversas com os amigos de Pelotas, ambos os grupos com a mesma faixa etária que, ora possuem a relação com a cidade abalada por não conseguirem encontrar nela alguns significativos lugares de memória (NORA, 1993), ora porque precisam recorrer as lembranças sobre a cidade e pela cidade, para viverem uma experiência nostálgica crítica (CANDAU,

2011) e reflexiva (BOYM, 2001), durante os momentos no presente em que o futuro parece incerto. O que ainda conseguem lembrar-se da Pelotas de suas infâncias? Ou seja, através das lembranças de infância, de que forma as transformações e permanências na cidade de Pelotas são percebidas na construção da identidade, de pessoas nascidas entre 1979 e 1985?

Sobre o grupo que pretendo abordar, o recorte etário foi determinado baseando-me na percepção de uma microgeração que viveu a infância e início da adolescência no limiar de transformações sócio-político-econômicas, no início da era do cibermundo (CANDAU, 2011) que tiveram grande impacto no mundo, em seus imaginários e na experiência com a temporalidade. Na página da Wikipédia em inglês existe o verbete *Catalano Generation* para tratar de pessoas nascidas durante o governo de Jimmy Carter como possuidoras das características dessa geração específica. Em termos de Brasil, no entanto, esse grupo teria nascido durante o governo de João Figueiredo, portanto, entre 1979 e 1985. O trabalho de autores como MANNHEIM (1952), BAUMAN (2001), HARVEY (1990) e LIPOVETSKY (2004) contribuem para a compreensão do conceito de geração e das distinções do grupo geracional que será abordado na pesquisa.

2. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa em etapa inicial, para nortear-me metodologicamente escolhi o trabalho “Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos”, de BOSI (1979). Mas, nesse caso, o homem jovem e ativo é quem terá suas memórias registradas através da história oral. Para o embasamento teórico sobre o método, farei uso da literatura de MEIHY (2005), “Manual de História Oral”. A análise qualitativa das entrevistas se apoiará em fontes documentais e revisão teórica de autores como LUKASHOK e LYNCH (2007) sobre percepção da paisagem. HALBWACHS (2003), CANDAU (2011) sobre memória, memória coletiva e identidade. RICOEUR (2007) e CONNERTON (2008) sobre esquecimento. NORA (1993) e ASSMANN (2011) sobre lugares de memória. A literatura de CALVINO (1972) e WHITEHEAD (2003) sobre memória e cidade, e PÉRGOLIS (2005) sobre cidades fragmentadas, entre outros. E para acrescentar algumas elucidações sobre identidade e nostalgia, dialogarei com STAROBINSKI e KEMP (1966), DAVIS (1979), STEWART (1988), LOWENTHAL (1995), HUYSEN (2000), BOYM (2001), PICKERING e KEIGHTLEY (2006), entre outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atual fase do trabalho se constitui em revisão teórica e levantamento de algumas entrevistas, ações essenciais para reforçar as questões gerais e específicas levantadas até agora, como a caracterização da geração de interesse e a conceituação de nostalgia, bem como o de consolidar a metodologia que será utilizada para a interpretação do material levantado.

4. CONCLUSÕES

Normalmente, os jovens são associados às lutas diárias do presente e não se espera deles experiência para lidar com as lembranças. Mas será mesmo que esses jovens adultos não estão dispostos a reconstruir as suas infâncias (BOSI, 1979)? Será que devido às transformações percebidas na paisagem e nas relações, em uma era onde “tudo voa” (SANTOS, 2006), onde vivemos uma

“aceleração da história” (NORA, 1993) em que o presente se torna passado mais rapidamente, o que poderia ser uma memória feita de hábitos hoje em dia também está mais para uma memória que revive o passado mesmo para pessoas mais jovens?

Até agora um número muito pequeno de pessoas foi escutado, o que está auxiliando para a consolidação da metodologia, mas ainda está longe de denotar conclusões e resultados acerca da construção da identidade dos mesmos diante às transformações e permanências na paisagem urbana. No entanto, esses primeiros relatos e investigações bibliográficas já ensaiam novas perspectivas acerca de temas como geração, nostalgia e lembranças de jovens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, A. Locais. In: **Espaços da Recordação**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011, p. 317-366
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOYM, S. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic, 2001.
- CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. Tradução de FERREIRA, M. L. M. São Paulo: Contexto, 2014.
- CONNERTON, P. Seven Types of Forgetting. **Memory Studies**; v.1; p.59-71, 2008.
- DAVIS, F. Nostalgia, Identity and the Current Nostalgia Wave. **The Journal of Popular Culture**; v.11, n.2, p.414–424, 1977.
- FERREIRA, M. L. M. O Espaço: Percursos da Memória. In: **Os três Apitos: Memória Coletiva e Memória Pública, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950-1970**. 2002. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HARVEY, D. **La Condición de la Posmodernidad. Investigación sobre los Orígenes del Cambio Cultural**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1998.
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- KHOURY, Y. A. **Projeto História**, São Paulo; v.10, p.7-28, 1993.
- LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.
- LOWENTHAL, D. **The Past is a Foreign Country**. New York: Cambridge University Press, 1985.
- LUKASHOK A. K.; LYNCH, K. Some Childhood Memories of the City. **Journal of the American Institute of Planners**, Chicago; v.22:3, p.142-152, 1956.
- MANNHEIM, K. El Problema de las Generaciones. **Reis**, Madrid; v.62, p.193-242, 1993.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- NORA, P. Entre Memória e História. A problemática dos Lugares. Tradução de KHOURY Y. A. **Projeto História**, São Paulo; v.10, p.7-28, 1993.
- PÉRGOLIS, J. C. **Ciudad Fragmentada**. Buenos Aires: Nobuko, 2005.
- PICKERING, M., KEIGHTLEY, E. The Modalities of Nostalgia. **Current Sociology**, Rio de Janeiro; v.54, n.6, p.919-941, 2006.
- POULET, G. O espaço proustiano. Rio de Janeiro: Imago, 1992 apud Maurício de Almeida Abreu. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia I Série**, Porto; v.XIV, p.77-97, 1998.
- RICOEUR, P. **A Memória, a História e o Esquecimento**. Campinas: Edunicamp, 2007.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Espaço e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- STAROBINSKI, J., KEMP W. S. The Idea of Nostalgia. **Diogenes**, Paris; v.14, n.54, p.81-103, 1966.
- STEWART, K. Nostalgia - A Polemic. **Cultural Anthropology**. v.3, n.3, p.227-241, 1988.
- WHITEHEAD, C. **The Colossus of New York: A City in Thirteen Parts**. New York: Random, 2003.
- WIKIPÉDIA. **Generation Catalano**. Wikimedia Foundation, Flórida, 2011. Acessado em 15 jul. 2015. Online. Disponível em: https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Generation_Catalano&oldid=665784378